

Crítica // A Natureza das coisas invisíveis ★★★★★

Com a sensibilidade de uma criança

Mariana Reginato

Cineasta brasileiro, Rafaela Camelo estreia com seu primeiro longa esta semana. A natureza das coisas invisíveis foi o filme de encerramento no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e tem impressionado em festivais no Brasil e fora dele. Com duas crianças protagonizando o longa, as atrizes Serena e Laura Brandão, a narrativa aborda a

morte e solidão com sensibilidade e beleza.

No longa, as pequenas Glória e Sofia se conhecem em um hospital durante as férias escolares. Glória frequenta o trabalho da mãe, que não tem com quem deixá-la; e Sofia está com a bisavó internada no local. As meninas aproveitam o tempo juntas para explorar o ambiente hospitalar, mas ambas estão frustradas por estarem perdendo as férias.

A amizade das pequenas

Laura Brandão e Serena em A natureza das coisas invisíveis

guia a história, mostrando o carinho e as descobertas das crianças. Mesmo com protagonistas infantis, as reflexões são profundas. A morte é abordada na trama de forma sutil e bela pelo olhar das meninas que ainda estão descobrindo muito sobre a vida. Laura Brandão

e Serena brilham, sendo difícil tirar o olho da tela.

Camila Márdila interpreta a mãe de Sofia e Larissa Maura, a mãe de Glória. Ao se encontrarem, viram apoio uma para a outra, assim como as filhas fizeram. Nos diálogos entre as duas, é evidenciada a solidão das mães solo e o encontro

das duas, que criam uma rede de apoio. É lindo de se ver.

A natureza das coisas invisíveis é sensível e retrata os medos e inseguranças de mulheres e meninas de forma delicada, mas potente. O longa de estreia de Rafaela Camelo é um presente para o cinema brasileiro e nacional.

Crítica // Zootopia 2 ★★★★★

Ação e graça a todo vapor

Ricardo Daehn

Chamada de “cachorro laranja”, lá está a raposa (macho) Nick Wilde, ao lado da companheira Judy Hopps, ambos atuando como policiais na recém-formada parceria supervisionada pelo chefe Bogo, um búfalo. Há problemas, pois ela se sente oprimida e ele atribui

as sistemáticas piadas que faz à causa de uma infância traumática. Vindo de amplo contato com o submundo, Nick contrasta com a interiorana coelha, mas eles estão blindados pelo pré-requisito máximo na acolhedora cidade de Zootopia, que zela pela coexistência de espécies dando sequência à aventura do roteirista Jared

Bush (codiretor do filme, ao lado de Byron Howard). Depois de um flagrante problema, em missão conjunta, os novatos veem a parceria posta à prova por um gabinete de crise.

Se dois fazem a diferença e três, história, como defende um personagem do filme que prolonga o êxito de Zootopia (premiado com o Oscar de melhor animação em 2017), a continuação está apinhada de história e bons personagens. As origens das paredes climáticas (defendidas em antigo diário,

exposto em museu), que asseguram a livre circulação de linces, cabras (sob a dublagem de Jean Reno), castores (a agitada Nibbles) e zebras.

Ambiente rico em socialização, e, na esfera policial, salpicado por crimes que não prescrevem, Zootopia terá as origens colocadas em xeque pela poderosa família Lynxley (toda de parentes do lince Patalberto) e por predadores repudiados, leia-se o enorme contingente de cobras expulsas do bom convívio geral.

Com trama que explora a expansão da Tundralândia e um processo de degradação para a região chamada Feira do Brejo, Zootopia 2 destaca-se pela canção de Shakira, pela carismática figura da cobra Gary (atrapalhada sempre pelo antídoto que carrega) e ainda pelas citações a O iluminado. Junto com uma carga pesada de ação que prende, o filme cresce pelas camadas de chacotas generalizadas e pelo desenvolvimento de personagens como leões marinhos e o singular camaleão Jesús.

